

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15947 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 24 - GE Educação e Povos Indígenas

PESQUISADORES(AS) INDÍGENAS NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UFRGS

Maria Aparecida Bergamaschi - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Aline Maria Backes Sehn - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

PESQUISADORES(AS) INDÍGENAS NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UFRGS

RESUMO: O presente trabalho resulta de uma pesquisa que estuda as Ações Afirmativas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ação criada pelo programa em 2016, iniciada em 2017 e inserida em uma política institucional, concebida pela universidade para todos os PPGs, em 2023. O objetivo da pesquisa é acompanhar os desdobramentos desta política, que traz para o PPGEDU/UFRGS mestrandos e doutorandos de setores sociais até então ausentes e, por vezes, negados nestes espaços nobres de pesquisa, evidenciando possíveis efeitos destas presenças na produção e na relação com conhecimentos no campo da Educação. Aqui, particularmente, focalizamos a presença de pesquisadoras(as) indígenas, ainda pequena em termos numéricos, mas que já evidencia marcas autorais próprias. A produção destas(as) pesquisadoras(as) faz brotar efeitos de territorialização no PPGEDU, conquanto ainda em espaços delimitados, em “rachaduras” que vão abrindo no solo acadêmico, com temas de pesquisa da educação própria de cada povo, com metodologias advindas de seus territórios, com epistemologias inspiradas e orientadas por sabedorias ancestrais e originárias. São presenças que contribuem para a pluralidade epistêmica na produção de conhecimentos, trazendo inovações importantes para a área da Educação.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisas Indígenas. Pesquisadoras(as) Indígenas. Interculturalidade. Pluralidade Epistêmica.

Processos colonizadores direcionados a povos indígenas no âmbito da pesquisa são denunciados por muitas vozes, mas citamos, especialmente, Linda Tuhiwai Smith (2018), pesquisadora pertencente ao povo Maori da Nova Zelândia. Segundo a autora o termo pesquisa é indissociável do imperialismo e do colonialismo europeu, sendo uma das palavras mais sujas nos vocabulários indígenas. O posicionamento da pesquisadora nos desafia a refletir sobre a necessidade de olhar para as pesquisas sobre povos indígenas, sobre a educação indígena e redirecionar o olhar. Em primeiro lugar, considerar as pesquisas e os(as) pesquisadoras(as) indígenas que começam a ocupar espaços específicos, como os programas de pós-graduação *stricto sensu*. Contudo, também é importante considerar pesquisas **com** coletivos indígenas, que são realizadas por pesquisadoras(as) *outsider*, brancos(as), de fora da comunidade, mas que se

colocam numa postura de escuta e respeito aos conhecimentos e às sabedorias milenares, originárias deste continente americano.

Introduzimos assim o presente trabalho, derivado de uma pesquisa que focaliza as Ações Afirmativas (AAf) instituídas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2016, política que passou a vigorar no ano seguinte, como convite para o ingresso e permanência de mestrandos e doutorandos autodeclarados negros(as), indígenas, quilombolas, pessoas travestis/transsexuais, surdas e com deficiência. Após a consolidação de sete processos seletivos anuais (sendo que se realiza a oitava seleção com vagas reservadas em 2024), já são consideradas mudanças significativas no Programa, que registra até 2023 o ingresso de 212 candidatos(as) pelas ações afirmativas: 67 no curso de doutorado e 145 no curso de mestrado. Destes mais de duzentos pesquisadores(as), 163 se autodeclaram negros(as), 13 indígenas, 07 quilombolas, 09 travestis/trans, 20 pessoas surdas e com deficiência. Conquanto a pesquisa, em sua abrangência, se debruça a registrar e compreender essa importante presença, que revela pluralidades ontológicas e epistêmicas introduzidas por pesquisadores(as) advindos de grupos culturais e sociais historicamente excluídos dos espaços acadêmicos, este trabalho focaliza especialmente a presença de pesquisadores(as) pertencentes aos povos originários.

O objetivo desta comunicação é mostrar como reverbera a presença indígena no Programa, por meio da análise das produções finais, ou seja, das teses e dissertações já apresentadas, situando as pesquisas e os(as) pesquisadores(as). Na apreciação dessas pesquisas observamos os temas abordados, as metodologias, além de outros marcadores que mostram peculiaridades da pesquisa no que tange ao pertencimento étnico-cultural, como a presença das línguas próprias, o local em que desenvolvem o trabalho de campo, referências a sabedorias ancestrais, entre outros. Antes, porém, estes(as) pesquisadores(as) são apresentados em relação ao seu pertencimento étnico, considerando que no Brasil existem mais de 300 povos indígenas, com 1.693.535 pessoas, representando 0, 83% da população brasileira, presentes em todas as regiões, embora com proporções diferenciadas.

É importante registrar que o ingresso de mestrandos e doutorandos indígenas no PPGEDU/UFRGS é anterior à criação do programa de Ações Afirmativas. A universidade abre suas portas para graduandos indígenas em 2008, com o ingresso anual de dez estudantes por meio de Processo Seletivo Específico (em 2024 este número foi dobrado e a instituição fez o primeiro edital de ingresso com 20 vagas para estudantes indígenas). Esta presença mobiliza a universidade que, em 2010, realizou um curso de pós-graduação *lato sensu* específico – o PROEJA Indígena, propiciando a diplomação de 18 estudantes pertencentes ao povo Kaingang. Essa “aproximação” ecoa no PPGEDU, que em 2011 recebeu seu

primeiro mestrando indígena (ingressou com bolsa do Programa Internacional de Bolsas da Fundação Ford - IFP), diplomado em 2013. Na sequência, outros intelectuais pertencentes aos povos originários buscam este espaço de pesquisa e temos assim o ingresso e diplomação de 4 mestres e um doutor anterior à política de cotas, todos pertencentes ao povo Kaingang. A partir de 2017 tivemos uma presença indígena mais intensa no PPGEDU/UFRGS, com ingresso em todos os processos seletivos, conforme tabela que segue:

Ingressantes Indígenas no PPGEDU/UFRGS pelas AAF

Ingresso	Mestrado	Doutorado	Povo
2017	03	-	Kaingang (2) Charrua (1)
2018	02	01	Kaingang (02) Kubeu (01)
2019	-	01	Guarani
2020	01	-	Xokleng
2021	02	-	Kaingang (02)
2022	-	02	Tukano e Kubeu
2023	-	01	Kaingang

Fonte: banco de dados da pesquisa

Dos 13 pesquisadores(as) que efetivamente ingressaram no programa pelas Ações Afirmativas, três doutorandos e uma mestranda ainda estão em curso, sendo que os demais já foram titulados, resultando 02 doutores e 07 mestres. Três candidatos Kaingang foram selecionados (01 DO e 02 ME), porém não fizeram a matrícula, sendo que dois deles escolheram outro programa da UFRGS, no qual realizaram seleção concomitante. Atualmente, a presença indígena se estende em mais cinco PPGs da UFRGS além da Educação, e com a adesão institucional à política afirmativa em 2023 a tendência é que esta presença se intensifique. São movimentos que aproximam os povos indígenas da universidade, que lutam para territorializar este espaço com suas presenças, mas também com seus conhecimentos e suas metodologias, direcionando os interesses para espaços acadêmicos mais específicos da pesquisa.

Concordando com Petronilha Beatriz Gonçalves da Silva, acreditamos que “a excelência acadêmica tem relação direta com a capacidade de aprender com o outro, de saber lidar com a diversidade que é própria da população brasileira, pois lidar sempre com o mesmo exige menos” (Aula inaugural do primeiro semestre com Ações Afirmativas no PPGEDU, em 14/08/2017). As instituições de ensino superior já evidenciam tal necessidade, refletida e discutida no eixo temático “Educação Superior, Diversidade Cultural e Interculturalidade” da III Conferência Regional de Educação Superior, realizada em Córdoba (AR), em 2018. O relatório final do evento, assinado por muitas instituições da América do Sul e Caribe, aponta a

necessidade de considerar, além da presença de outros corpos, “las cosmovisiones, valores, conocimientos, saberes, sistemas lingüísticos, formas de aprendizaje y modos de producción de conocimiento” dos grupos sociais historicamente recusados na academia. Afirma o documento que é necessário valorizar e reconhecer “epistemologías, modos de aprendizaje y diseños institucionales propios de pueblos indígenas [...]” (III CRES 2018, p. 9).

Observamos que os temas abordados por indígenas em suas pesquisas trazem para o seio da academia os pressupostos epistêmicos e filosóficos que fundamentam os processos próprios de sua educação, assim como a escola intercultural específica de cada povo, singularizando-os, conforme mostram os títulos das teses e dissertações na seguinte tabela.

Dissertações (ME) e Teses (DO) de autoria indígena no PPGEDU/UFRGS

Curso	Título	Conclusão
ME	A formação da pessoa nos pressupostos da tradição indígena kaingang	2013
ME	Educação Kaingang: processos próprios de aprendizagem e educação escolar	2014
ME	Escola Kaingang: Concepções cosmo-sócio-políticas e práticas cotidianas	2016
ME	Kanhgág Jykre Kar - Filosofia e Educação Kanhgág e a oralidade: uma abertura de caminhos	2016
ME	Mỹ ge ke kanhgág ag jykre pẽ ki: educação na concepção kaingang	2019
ME	A escola indígena kaingang e os desafios na educação infantil: Um estudo na Aldeia Pinhalzinho, Terra Indígena Nonoai, RS	2019
ME	O diálogo entre saberes tradicionais e saberes escolares: um estudo sobre a valorização da cultura do povo Kaingang de Nonoai/RS	2021
ME	Kubai, o Encantado - Literatura Infantil Indígena em foco	2021
ME	Escola Indígena Diferenciada: Retomada da Educação Xokleng	2023
ME	Saberes do Território em uma escola Kaingang	2024
DO	Ũn Si Ag Tũ Pẽ Ki Vẽnh Kajrãnrãn Fã -o papel da escola nas comunidades Kaingang	2020
DO	Tra(n)çando caminhos: A história de vida de Andila Kaingáng	2023
DO	Tekoporã Guarani: a Pedagogia das Belas Palavras	202

Fonte: banco de dados da pesquisa

A escolha por trabalhar com temas da educação e da escola próprias mostra o quão necessárias são pesquisas que se debrucem a compreender melhor como cada povo pensa e sente a sua educação e como a mesma se relaciona com a escola. Ivone Jagnigri da Silva (2019), reconhece que sua pesquisa contribuiu para

as novas gerações compreenderem melhor a continuidade da educação na concepção Kaingang - Mÿ ge ke kanhgág jykre pẽ ki: “ajudar a prepará-los para o futuro como indígenas Kaingang por meio desta dissertação” (*Idem*, p. 10). Mas, por outro lado, trazer esses temas para o seio de um programa de pós-graduação em educação é também a oportunidade de divulgar a pluralidade de concepções; é mostrar à sociedade não indígena que existe uma educação originária e que a escola foi implantada nos territórios indígenas como ação de colonização, visando a integração dos diferentes povos à sociedade nacional. Mostram, igualmente, os processos de luta por uma escola específica, diferenciada, comunitária, intercultural e bilíngue, conquista registrada na Constituição Federal de 1988, da qual decorre um conjunto de leis responsáveis por desenhar esta modalidade escolar em sua especificidade. Conquanto essas pesquisas celebrem as conquistas que reverberam no reconhecimento legal da escola indígena no Brasil, denunciam também os abusos que sofrem em função de um não reconhecimento por parte das instâncias governamentais responsáveis pela gestão da educação escolar, que imprimem, na prática, os mesmos pressupostos da escola não indígena e retiram o direito à diferença.

Dentro deste rol de pesquisas, destacamos aqui três dissertações realizadas por pesquisadores Kaingang que ingressaram pelas AAF, observando alguns aspectos que consideramos contribuições importantes para pluralizar a produção do conhecimento realizada no PPGEDU/UFRGS. Em relação às metodologias, há uma valorização da oralidade, característica forte das culturas indígenas: “A metodologia da pesquisa foi a oralidade, colhida por meio de conversas com os Kófa, a qual se manifesta neste trabalho por meio da transcrição dos relatos” (JAGNIGRI, 2019, p. 9). Mostram a importância da escuta, componente principal da oralidade: “Para realizar a pesquisa utilizei, principalmente, o método da escuta, assim percebendo o que inquietava os velhos, alguns professores e também lideranças do movimento indígenas.” (MELLO, 2019, p. 9). Igualmente, são pesquisadores(as) que valorizam a língua materna, apresentando os resumos no idioma originário. Essa postura contribuiu para que a universidade aprovasse uma Resolução que reconhece para fins de proficiência aos pós-graduandos indígenas o exame de português como segunda língua. Júlio Pedroso da Silva (2021), destaca reiteradas vezes a importância da língua Kaingang em sua pesquisa, trazendo trechos de falas de pessoas mais velhas e sábias no idioma originário, afirmando a necessidade de efetivar uma escola bilíngue. São pesquisadores(as) que narram suas trajetórias de vida e as consideram “como fonte de construção da pesquisa”. Criticam a posição colonial da universidade, como diz Mello (2019, p. 17): “em minha formação acadêmica senti que predominou o pensamento que padroniza um saber que segue o padrão de poder colonial”. Sobretudo, essas pesquisas trazem para a academia conhecimentos originários e ancestrais, de sua educação própria: “Existem tantas formas de aprender e ensinar e a própria Pedagogia Kaingang

oferece vários exemplos que podem ajudar. Bastaria conversar com os velhos, com a comunidade e aprender um com o outro” (MELLO, 2019, p. 14); “após o nascimento é preciso enterrar ou krãn - plantar o nugnin (placenta) junto a raiz de uma árvore, processo esse que deve ser feito com muito cuidado, pois deve-se a ele o fato de ser uma pessoa boa” (JAGNIGRI, 2019, p. 29).

Embora reconheçamos que a academia ainda é um espaço de violência colonial e racismo estrutural, esperamos transformações anunciadas por estas pesquisas e pesquisadores(as), com ontologias, filosofias e epistemes que pluralizam e complementam a produção de conhecimentos. É necessário que a academia reconheça reciprocamente essa contribuição.

REFERÊNCIAS

III CRES. Conferencia Regional de Educación Superior para América Latina y el Caribe, **Declaración** Córdoba, Argentina, 2018.

JAGNIGRI DA SILVA, Ivone. **Mỹ ge ke kanhgág ag jykre pẽ ki**: educação na concepção kaingang. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

MELLO, Josias Loureiro de. **A escola indígena kaingang e os desafios na educação infantil**: Um estudo na Aldeia Pinhalzinho, Terra Indígena Nonoai, RS. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

SILVA, Júlio Pedroso da. **O diálogo entre saberes tradicionais e saberes escolares**: um estudo sobre os desafios para a valorização da cultura do povo Kanhgág de Nonoai/RS. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021.

TUHIWAI SMITH, Linda. **Descolonizando Metodologias**: pesquisa e povos indígenas. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.